

O JORNAL ESCOLAR E A LIVRE EXPRESSÃO NA VISÃO DE CÉLESTIN FREINET¹

Luciane Justus dos Santos²

Resumo

O presente artigo traz uma reflexão sobre a produção do jornal escolar na visão de Célestin Freinet baseado em suas experiências com alunos da escola de Gars, no Sul da França, no início do século XX. O estudo tem como objetivo destacar as falas e a importante contribuição do pedagogo que se tornou referência nos estudos contemporâneos que envolvem a temática da educomunicação. Para esta reflexão foram considerados momentos da vida de Freinet, sobretudo de sua militância política e suas limitações que, de obstáculos tornaram-se impulso para sua atuação como educador em tempos e lugares de dificuldade tanto de recursos como de acesso.

Palavras-chave: Jornal escolar; Livre expressão; Célestin Freinet

O nome Freinet é recorrente na literatura que trata especificamente do assunto jornal escolar. Suas experiências servem como referência para estudos contemporâneos na área da educação, comunicação, pedagogia, psicologia e também nos colóquios contemporâneos de educomunicação, tal fora a importância de suas iniciativas timidamente aplicadas numa aldeia de Gars, no Sul da França.

Jorge Ijuim, jornalista e professor doutor em Ciências da Comunicação pela ECA/USP, pesquisador do jornal escolar desde 1987, delineou seu pensamento que ele chama de “arcabouço inicial” através do pensamento de três pensadores: Freinet – Livre expressão, Edgar Morin – Cultura e Karl Marx – liberdade de imprensa. Para Ijuim, essa associação constituía em sua mente a congruência do jornalismo com a educação.

Essa congruência se apresenta no esforço que compete desde a conservação/regeneração/interação da cultura, luta pela liberdade de expressão,

¹ Trabalho apresentado no I Fórum Paranaense de Educomunicação, realizado nos dias 15 e 16 de setembro de 2011, em Curitiba.

² Jornalista formada pela Faculdade Santa Amélia (SECAL), aluna do curso de pós-graduação Mídia, política e atores sociais da Universidade Estadual de Ponta Grossa – UEPG. E-mail: emaildaluciane@hotmail.com

capacidade de adotar novas e complexas posturas, bem como técnicas jornalísticas não-autoritárias. Tanto a educação como o jornalismo têm, pela visão do autor, o poder de criar “novas relações simbólicas e culturais” (IJUIM, 2005, p. 19).

Ao estudar a obra de Freinet é inevitável pensar quais seriam as possibilidades que o visionário pedagogo perceberia diante das ferramentas midiáticas disponíveis nos dias de hoje, ao que Freinet já nos anos 60, denominava “novas forças”:

Haverá uma melhoria pedagógica na medida em que o dinamismo das novas forças triunfar sobre essas resistências e souber construir, pedra a pedra um mundo novo com que sonhamos. (FREIRE, p.14)

A linguagem que Freinet adota em sua obra é um convite ao pensar amoroso, nada ingênuo porque é comprometido e de caráter político-social, de uma forma de educar, seguindo em alguns momentos as mesmas ideias de Freire. Ambos acreditavam que a educação deveria “despertar” algo já inerente ao ser humano, ainda em fase de abrochar-se ou adormecido pelo sistema castrador.

Então você suscitará o espírito novo da escola moderna. Ultrapassará a atmosfera e o comportamento do mestre-escola autoritário, para elevar-se à nova filosofia do educador emérito, semeador de liberdade e que forja os construtores da sociedade fraterna de amanhã. (FREINET, p. 112)

Além de sua grande contribuição para a educação Freinet sempre fora engajado em movimentos sociais e militância política. Foi perseguido e preso, conheceu os horrores de um campo de concentração alemão. Élise Freinet - esposa e grande companheira – considera que o pedagogo foi atacado pela crítica tanto por não ter frequentado a universidade (curso clássico) como por sua pedagogia “coletiva e militante”. Seu único mérito era a “paixão pela educação e tenacidade e a coragem,” (FREINET, 1977, p.9).

Sua obra e pensamento ecoam na contemporaneidade e despertam reflexões como a de Alessandra Arce, professora do departamento de Educação da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), e Michele C. Costa, mestranda do Programa de Mestrado Escolar pela Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara (FCLAR)/Universidade Estadual Paulista (UNESP). As pesquisadoras analisam a forma que Freinet “dialogou com o seu tempo” e consideram que seu trabalho foi realizado seguindo uma bandeira de socialismo “pelo e para o social” (2008, p.62).

Freinet comprou uma imensa briga de cunho político e ideológico com a burguesia francesa, que viu seus ideais ameaçados. [...] Freinet pretendia dar sua parcela de contribuição à população desfavorecida, fazendo com que, dentro da velha escola clássica liberal, nascesse uma proposta pedagógica que permitisse à escola ser um espaço de afirmação das crianças das camadas populares. (ARCE e COSTA, p.59 e 60)

Em suas ideias Freinet deixa claro que é preciso despertar no aluno o interesse por diversas tarefas, uma forma de acompanhar o que chamou de mobilidade do trabalho: “ou as pessoas se mexem ou ficam para trás” (FREINET, 1964). A capacidade era, a seu ver, um conhecimento adquirido ao passo que o interesse, mais difuso, é que determina o prazer na realização de um trabalho. Por sua vez, através do maior número de interesses é que o homem pode enfrentar as dificuldades da mobilidade do trabalho.

Por esse caminho a orientação de Freinet se confirma diante das necessidades que existiam na época e obviamente se apresentam nos dias de hoje, o que torna sua obra, além de relevante, atual.

2.1 – Da limitação física ao texto livre

Célestin Freinet nasceu em 1896, na pequena aldeia de Gars no sul da França. De origem camponesa e humilde ingressou em 1913 na Escola Normal de Nice e, em 1915, assim que se formou como professor primário foi convocado a lutar na Primeira Guerra Mundial (1914-1918). Em 1916, no campo de batalha Freinet foi ferido em um dos pulmões fatalidade que o levou a abandonar o exército. Após um período de incertezas, em janeiro de 1920, assume como professor titular uma turma primária de meninos, de faixa etária entre seis a oito anos, na escola de Bar-sur-Loup (Alpes Marítimos).

Terminada a Primeira Guerra Mundial, em 1920, eu era apenas <<um ferido glorioso>>, com lesão nos pulmões, uma pessoa enfraquecida, ofegante, incapaz de falar na aula mais do que uns escassos minutos. (FREINET, p.19)

Mesmo diante dessa limitação e da consciência de quanto comprometia seu desempenho em sala de aula, Freinet encontrava no amor da profissão escolhida os motivos para descobrir formas de melhorar as condições de seu trabalho, e descreve sua busca através da obstinação e da honra.

Compenetrado em seus objetivos encontrou na obra de Rebelais, Montaigne, Rousseau, Pestalozzi e Marx elementos que o levariam a compor, lentamente e com bom senso, os postulados de sua pedagogia. Outra influência conferida em sua trajetória é de Adolph Ferrière, considerado na época, o grande mestre da Escola Ativa. Em suas viagens para Hamburgo visitou escolas que adotavam a pedagogia libertária e na URSS estudou as bases da Educação Soviética. Em 1923, participou do II Congresso da Liga Internacional para a Educação Nova (OLIVEIRA, 2005).

Foi em setembro de 1922 que Freinet leu os dois volumes da L'École Active, de Adolph Ferrière. Para ele foi como um sopro de ar puro, no momento em que se debatia entre os danos sofridos pelo ensino tradicional mantido em sua classe e a preparação para o bacharelato com as obras dos mestres, visando ao exame. (FREINET, É., p.32)

Élise menciona o quanto Freinet foi influenciado pelo pensamento de Ferrière, que vislumbrava na Escola Ativa a proposta do aprendizado voltado para uma atividade espontânea, pessoal e produtiva. Esse ideal valorizava no aluno o interesse, as afeições, os gostos, as manifestações morais ou sociais apresentadas de forma natural no seu próprio cotidiano segundo as circunstâncias e seus acontecimentos (1979, p. 32).

Contudo, Freinet voltava para a aldeia sem saber como seria possível colocar em prática o que aprendeu em suas investidas. O contato com outras formas de ensino, ao mesmo tempo em que o despertavam para novas formas de educar, revelavam ainda mais o quanto estavam ultrapassados os métodos e as técnicas utilizadas na escola da aldeia. Maneira pela qual, trabalhar exigia um esforço esgotante e inútil para despertar a atenção dos seus alunos.

Através do contato com professores que militavam na Federação do Ensino, Freinet soube de algumas iniciativas que buscavam inovar os métodos, entre elas a experiência de “aulas-passeio”. Freinet relata que encontrou aí sua tábua de salvação e resolveu sair com seus alunos aos arredores da aldeia. Nesses passeios eles observavam nada mais que a vida dos camponeses – da qual aluno e professor também faziam parte.

Observávamos o campo nas diversas estações: no Inverno, víamos os grandes lençóis estendidos sob as oliveiras para receber as azeitonas varejadas; na Primavera, as flores de laranjeira em todo o seu encanto, as quais pareciam oferecer-se às nossas mãos; já não examinávamos como professor e alunos, em torno de nós, a flor ou o insecto, a pedra ou o regato. (FREINET, p.23)

De volta à sala de aula tudo que fora visto no passeio era registrado na lousa como um “balanço” da atividade nova, bastante diferente do convencional. A narrativa que se construía através da livre expressão deu origem ao texto livre, o qual proporcionava a liberação do pensamento infantil expresso com facilidade.

Freinet percebeu diante dessa situação que seria ideal se pudesse de alguma forma traduzir para o papel o texto, formado pela livre expressão, que chamou de vivo, resultado da aula passeio, e dessa forma produzir um material adaptado a esse novo modelo de aula. Diante de tal necessidade o pedagogo percebeu no tipógrafo a grande oportunidade e perguntava-se surpreso, como alguém nunca havia pensado em algo tão simples e lógico. Conseguiu um velho (e simples) tipógrafo numa oficina e com ele passou a imprimir os primeiros textos, que inicialmente tinham apenas seis ou sete linhas em folhas que mediam 10,5 por 13,5 centímetros. Os alunos se apaixonaram pelo processo. Segundo relatos de Élise, os impressos eram passados de mão em mão pelos alunos que achavam magníficos, liam e reliam palavra por palavra. As folhas reunidas eram depois coladas a uma capa cartonada e compunham assim um modesto “livro da vida” (FREINET, 1977, p.27).

Ao promover a participação efetiva do aluno na construção do conhecimento, Freinet o reconhece como agente social, da mesma maneira que Freire e outros autores contemporâneos. A iniciativa de imprimir os textos confere ao aluno o seu devido lugar: um ser inserido no processo cultural e que interfere em sua própria realidade. Um ser que conquista sua autonomia pela legitimação de seu pensamento e sua necessidade de se expressar verbalmente.

Este texto tinha vazado do metal, depois impresso. E todos os espectadores, o autor em primeiro lugar, sentiam realizado o trabalho, uma profunda emoção perante o espetáculo do texto enaltecido, que se revestia agora do valor de um testemunho. [...] O pensamento e a vida da criança podiam agora tornar-se elementos de enorme importância cultural. (FREINET, p.25 e 26)

A narrativa de Freire sobre o texto que vaza do metal é carregada de símbolos. Essa ação propicia ao aluno vivenciar a transformação do seu pensamento reconhecido em algo concreto, registrado. Esse objeto que vaza, essa alquimia que se resulta no pensar impresso é mágica e envolvente, ao mesmo tempo em que é desafiadora, pois será posta em público, disseminada e avaliada.

Nesse sentido Élise relata o quanto foi importante o pensamento de Ovide Decroly, médico e educador Belga, em seu constante esforço unir teoria e prática. Em Bar-sur-Loup, com seus alunos da aldeia aplicava o método natural global de Decroly.

O princípio de globalização de Decroly se baseia na idéia de que as crianças apreendem o mundo com base em uma visão do todo, que posteriormente pode se organizar em partes, ou seja, que vai do caos à ordem. O modo mais adequado de aprender a ler, portanto, teria seu início nas atividades de associação de significados, de discursos completos, e não do conhecimento isolado de sílabas e letras. "Decroly lança a idéia do caráter global da vida intelectual, o princípio de que um conhecimento evoca outro e assim sucessivamente", diz Marisa del Cioppo Elias, professora da Faculdade de Educação da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. (FERRARI, 2010)

A visão do todo que, posteriormente se organiza em partes, teoricamente embasa também a prática do texto livre. Sua expressão – manifestação verbalizada de seu mundo – é o ponto de partida para o aperfeiçoamento do conhecimento humano.

Ao sair pela aldeia os alunos observavam o rio onde seus pais pescavam, as flores de laranjeiras que num processo de destilação se transformavam em água de cheiro, o tecelão que fazia artesanalmente o pano, os muros do velho castelo e a as azeitonas sendo colhidas para fazer o azeite. A vida da aldeia dizia muito mais ao aluno, era carregada de elementos afetivos e aí o professor encontrava a brecha ideal para lançar outras questões e com eles construir o conhecimento.

2.2 – A correspondência interescolar

Após filiar-se ao Partido Comunista Francês, em 1925, um ano depois casou-se com a professora Élise e, naquele mesmo ano, com o auxílio de um colega chamado Daniel de Saint-Philibert-de-Trégunc (Finisterra), os textos ganharam outros leitores com a correspondência interescolar. Durante dois anos, duas escolas pobres, trocaram com regularidade 25 folhas impressas com seus textos.

“Vivíamos agora a existência dos nossos pequenos camaradass de Trégunc. Seguíamos-los em pensamento em sua caça às toupeiras ou nas pescarias miraculosas, pois o mar aproximara-se de nós, e tremíamos com eles nos dias de tempestade. Contávamos-lhes como se processava a colheita da flor de laranjeira e a apanha das azeitonas, como eram as festas de Carnaval, como se fabricavam os perfumes;

toda a nossa província ia, assim na direcção de Trégunc.”(FREINET, p.29)

Esse relato sugere vários elementos que traduzem a expressão da realidade e a importância da troca de informações que estabelece um canal de comunicação que aproxima realidades diferentes. O mar se aproximou através do texto, da palavra e do pensamento dos alunos. As colheitas e as festas, os perfumes foram compartilhados. Freinet relata que a troca não ficou somente no pensamento: uma encomenda trouxe para Gars algas, mariscos e coscorões (filhó de farinha de trigo e ovos, frito e polvilhado com açúcar e canela) da mesma forma que outra levou para Trégunc laranjas e azeitonas.

A experiência de Freinet com o texto-livre passou a ser conhecida através de matérias publicadas em revistas pedagógicas de “orientação marxista” como se refere Élise, e por outros educadores e também por pensadores de vanguarda (1977, p. 28). Essa divulgação foi além de uma promoção e ganhou o apoio de eminentes pedagogos:

Foi assim que Adolphe Ferrière, o mestre da escola Escola Nova, inscreveu “A Casa dos Pequeninos”, do Instituto Jean-Jacques Rousseau, em Genebra, numa equipe de correspondência interescolar. Dois colégios de aplicação de Escolas Normais aderiram por sua vez ao Movimento, que toma o nome de *Material Impresso na Escola*: o de Nancy, dirigido pelo Sr. Duthil, e o de Charleville com o Sr. Husson, que permanecerá ao longo de toda vida de Freinet um fiel e precioso colaborador. (FREINET, É., p. 29)

Segundo Élise, um dos pontos marcantes para Freinet foi o congresso realizado em Tours, em 1927, com a adesão de mais de cinquenta escolas ao Movimento Internacional de Material Impresso na Escola, o que consagrava de certa forma o nascimento da “Pedagogia Freinet”. Esse encontro oportunizou que Freinet divulgasse suas descobertas, as técnicas desenvolvidas e os erros a serem evitados. Publicado de última hora os poucos exemplares do livro “*l’Imprimerie à l’École*”, eram disputados entre os congressistas. Foram apresentadas também as primeiras obras de literatura infantil e revistas mensais que divulgavam textos produzidos por alunos. “Desenhos e pinturas de crianças enfrentavam pela primeira vez a crítica dos visitantes” (FREINET, É., p.29).

A pedagogia de Freinet foi elaborada durante anos de estudos e métodos colocados em prática, nem sempre alcançados com sucesso, sendo assim construída

além dos erros e acertos: através das pesquisas, das observações, experiências, reformas e adaptações necessárias. Em sua totalidade, é uma obra extensa e rica que dialoga com outras áreas como é o caso da psicologia e da filosofia. Seu pioneirismo trouxe consigo algumas perseguições, críticas e pressões até que ganhasse, por parte de outros visionários o merecido reconhecimento.

2.3 – O pedagogo na militância política

Freinet condenava os manuais escolares e defendia a democratização do ensino para formar uma sociedade democrática. Tal fora seu engajamento que sua segunda obra, editada em 1928, representava um protesto cujo slogan era: “Abaixo os manuais escolares”. Diferente do sistema fechado da educação arcaica, Freinet acreditava que era necessária uma constante adaptação do ensino diante das transformações comportamentais através do tempo.

A partir de 1928, quando lecionando em Sant-Paul conhece a realidade de uma escola pobre e suas enormes dificuldades frente ao descaso de representantes do governo, Freinet intensifica sua luta, fortalece seus laços com sindicatos e seus seguidores. Nessa luta ele inclui os pais das crianças, camponeses trabalhadores que, segundo ele, deveriam entender o real significado da educação (ARCE e COSTA, 2008).

Em 1940, durante a Segunda Guerra Mundial, Freinet é preso e exilado. Nesse período, tendo vivo em sua memória 20 anos de sua vida dedicados à educação, escreve: “A educação do trabalho”, “A experiência por tentativa” e “Ensaio de psicologia sensível”. Após ser libertado com muito esforço e incansável luta de sua esposa Élise, Freinet procura seus companheiros e apoiadores e convoca-os ao combate do pensamento da Escola Nova, a qual dirigia críticas severas.

2.4 - O jornal escolar por Freinet

Não é difícil imaginar o que significou para Freinet e seus alunos deixar a sala de aula e voltar a ver o mundo vivo e colorido da aldeia. Estavam acompanhados do professor numa aventura jamais permitida até então.

Sentíamos-los com todo o nosso ser, não só objectivamente, mas com toda a nossa sensibilidade natural. E trazíamos as nossas riquezas: fósseis, nozes, avelãs, argila ou uma ave morta...

Era normal que, nesta atmosfera nova, neste clima não escolar, quiséssemos, espontaneamente, criar relações bastante diferentes das relações demasiado convencionais da escola. (FREINET, p.24)

O objeto de estudo agora era familiar, reconhecido, palpável, visto de perto e se preciso esmiuçado em seus detalhes. Era possível experimentar seu cheiro, seu gosto ou sua textura. Considerar o local onde foi encontrado, como foi parar ali e qual seria seu destino depois de estudado. No quadro era feito o “balanço” dessa rica aventura. Nessa mesma perspectiva, Freire também dizia ser necessário aguçar no aluno a curiosidade e estimular a sua “capacidade de arriscar-se e aventurar-se”, para existir então o que chamou de “força criadora do aprender” (FREIRE, 1996).

Com seus alunos, mais do que fazer jornal, Freinet possibilitou que pudessem expressar o que os seus olhos testemunharam e, a partir dos seus registros, em ato coletivo, escrever e produzir a realidade da aldeia – “Os nossos jornais têm um aspecto especial, uma aparência de fraternidade” (FREINET, 1967). O livro “O jornal escolar”, publicado em 1967, não é um simples “manual” – termo que não agradava ao pedagogo – e por isso não apresenta regras rígidas, foi um relato de experiências e hoje um importante registro histórico.

Com o uso das ferramentas disponíveis na época, o jornal escolar de Freinet se caracteriza por dois fatores principais: o conteúdo – o texto livre; e sua técnica de impressão – a imprensa escolar. O foco dessa produção estava em dar um “destino digno” ao texto livre que ecoava na troca interescolar. Chegou a sugerir que se não fosse o jornal poderia ser um álbum de ilustrações, segundo Freinet, um precioso instrumento para troca interescolar (1967, p.24).

Sobre a técnica de impressão utilizada Freinet não limitou o uso do tipógrafo. Caso a escola não tivesse esse aparato ele sugeria que o jornal fosse manuscrito, ou feito em linogravura, policopia através do aparelho de álcool ou utilizando o limógrafo. Não cabe a esta pesquisa detalhar as ferramentas da época, a não ser como registro histórico, pois o próprio precursor da técnica considerava que era preciso estar atento às novas formas de fazer e produzir o jornal escolar.

O interesse da criança pelo jornal, segundo Freinet, acontece no momento que se apropria de todo o processo de um trabalho criativo: expressa através da escrita seu pensamento, com seus companheiros escreve coletivamente o texto do jornal. Depois participa da composição dos tipos, faz as ilustrações, dispõe sobre a prensa, carrega a tinta, vê avolumar a tiragem, organiza e reúne os exemplares para distribuí-los. A essa “apropriação” o pedagogo ressalta que a continuidade artesanal constitui o objetivo maior da imprensa escolar – “corrigir a crença de que os outros podem criar em nosso lugar a nossa própria cultura” (FREIRE, 1976, p.31).

Fazer o jornal escolar compreendia uma atividade, que para Freinet envolvia uma série de fatores, mesmo considerando o texto livre e as livres escolhas dos alunos, ele orientava desde uma impressão bem feita, com os tamanhos ideais das fontes (tipos), tipos de impressoras e tamanho do papel a ser utilizado. A organização desse trabalho era fundamental para que os seus objetivos fossem contemplados. No entanto, deixava sempre claro que os jornais não deveriam ser cópias dos jornais dos adultos, eram produções originais que seguiam normas específicas, diferenciadas e passíveis de correções (1967, p.37).

O professor, na concepção de Freinet, não deveria atuar “diretamente” na organização e escolha dos textos a serem impressos, sendo necessária uma escolha por votação do grupo. Freinet fez uma diferenciação pontual entre os jornais produzidos por alunos das classes iniciais com os das turmas mais avançadas.

A produção do ensino primário, os mais belos na opinião do pedagogo, o jornal caracterizava-se como uma “recolha de textos curtos” que tinham um “sabor de poesia”, compostos por corpo 18 ou 24, ilustrados com desenhos ou linogravuras. A expressão original da criança é que despertaria o interesse dos pais e dos correspondentes.

Para os alunos mais velhos, era possível uma abordagem de temas mais objetivos, sem que estes predominassem sobre o caráter afetivo:

Não devemos esquecer que, mesmo a este nível, o que tanto as crianças como adultos procuram no jornal escolar não é a informação, que é muito mais rica e exacta nos livros e nas revistas, mas a vida da criança, as suas reacções perante o mundo, as suas hesitações, os seus temores e seus triunfos.

Deve haver certamente um amadurecimento desejável nos nossos jornais, de acordo com a idade das crianças. (FREIRE, 1967, p. 57)

Essa composição atraente do material sugeria que as letras não fossem tão pequenas, os textos não fossem tão “apertados” no espaço da página e os títulos fossem colocados em maiúsculas. Era preciso que os textos fossem escritos de forma correta e acompanhados, sempre que possível, de ilustrações. Deveria existir uma correção ortográfica e sintática durante a produção coletiva dos textos, com o acompanhamento do professor ou do aluno responsável. Naquela época, Freinet já mencionava a possibilidade da impressão colorida através do tipógrafo.

Entre os alunos de 13 e 14 anos cabe aos educadores adaptar as realizações anteriores com a realidade das classes, caracterizando-se entre o caminhar do jornal escolar para o jornal de produção adulta. É preciso evitar a escolástica e não transformar os textos em deveres escolares, mas uma busca de produzir através de “linhas profundas do verdadeiro interesse” dos alunos, utilizados sobretudo para o intercâmbio precioso para este nível e possibilidade dos periódicos (1967, p. 66).

Sua experiência ganhou notoriedade na Europa e Freinet avaliava com grande ânimo as produções na Itália, Bélgica, Holanda e Alemanha. Cita em sua obra a experiência em Cuba, através de adeptos espanhóis refugiados na América Central. Na América Latina Freinet relata que os jornais eram chamados de “periódicos escolares” e a criação do Instituto Cooperativo da Escola Moderna, em Montevideo, sob a direção de Maria Alice Freire de Maciel.

O professor não deve julgar que esta prática é pouco importante. Ela permitiu-nos, num campo de concentração, em 1941, realizar um jornal do campo que, por razões não pedagógicas, não pôde ir além do número um mas que nem por isso perde o valor de exemplo encorajante do que pode resultar desta técnica pedagógica. (FREIRE, p. 24)

É preciso fazer nesta afirmação do autor, um recorte para entender de forma mais profunda o que significava o jornal em sua vida, através de sua trajetória pessoal. Um homem que viveu o exílio e os horrores de duas grandes guerras. E como já foi mencionado, em seus ferimentos e sua memória certamente que viviam os fantasmas de um tempo sangrento. As injustiças e a desvalorização da vida humana influenciaram a busca “amorosa” de Freinet por um futuro de paz para as crianças que lecionava.

Freinet dizia que nas “classes mortas” era o dever escolar que triunfava, sendo, portanto um esforço do professor conduzir para que todos façam ao mesmo tempo uma

só atividade – enquanto o aluno esforça-se a todo momento para escapar dessa “influência aviltante da escola” (FREINET, É., 1977). Essa incoerência ainda sofria com o controle do “inspetor” para que a turma permanecesse num constante silêncio. As aulas de Freinet não seguiam essa lógica:

Ah! Não garantimos o completo silêncio; aliás não queremos uma imobilidade antinatural. Talvez seja um pouco penoso no início; sem dúvida é mais cansativo para o educador do que a direção de um grupo de alunos sonolentos. Mas é a vida! E é, no sentido mais belo da palavra, a educação ativa e alegre. (FREINET, apud FREINET, É. P. 66)

A pedagogia do bom senso se fundamenta basicamente, na atividade livre do aluno, segundo seus interesses, captados pelo professor em sua livre expressão, seja oral, escrita nos textos ou revelada em seus desenhos. Ao longo de sua obra, ao tratar especificamente das premissas pedagógicas, o jornal escolar é citado por Freinet entre as atividades que despertaram o interesse pelo fato de ser fruto de sua vida, tomada para si e compartilhada com o mundo. Freinet apontava para algumas condições favoráveis a esse trabalho: instalação e organização do espaço e número reduzido de alunos. As classes, segundo a pedagogia frenetiana, são compostas pelo número máximo de 25 alunos por turma, dispostos de forma circular onde os lugares se intercalam. Não se trata de uma anarquia, como pode ser apontada pela crítica, mas de uma dinâmica circular do pensamento.

Referências bibliográficas

ARCE E COSTA, Alessandra e Michele Cristine da Cruz. A concepção educacional de Célestin Freinet – Trabalhando com histórias das ideias pedagógicas. **Revista de Educação PUC – Campinas**, Campinas- SP, n. 24, p. 53-63, jun. 2008.

FERRARI, Marcio, **Ovide - Decroly - O primeiro a tratar o saber de forma única**. Disponível em: <<http://revistaescola.abril.com.br/historia/pratica-pedagogica/primeiro-tratar-saber-forma-unica-423099.shtml>>, acesso em 23 out. 2010.

FREINET, Élise. **As técnicas Freinet da Escola Moderna**. 4.ed. Lisboa, Portugal: Estampa, 1975.

_____. **O itinerário de Célestin Freinet: a livre expressão na pedagogia Freinet**. 1.ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1979.

_____. **Pedagogia do bom senso**. 1.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1985.

_____. **O jornal escolar**. 2.ed. Lisboa, Portugal: Estampa, 1974.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 25.ed. Paz e Terra, 2002.

IJUIM, Jorge Kanehide. **Jornal Escolar e vivências humanas**: um roteiro de viagem. 1.ed. Campo Grande, MS: UFMS, 2005.